



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

SÍLVIA REGINA GALDINO DA SILVA

**TRANSE E PERTENCIMENTO: GÊNERO, ESPIRITUALIDADE E A
PRÁTICA DE CURA DOS RITUAIS ZAR**

JOÃO PESSOA

2026

SÍLVIA REGINA GALDINO DA SILVA

**TRANSE E PERTENCIMENTO: GÊNERO, ESPIRITUALIDADE E A PRÁTICA DE
CURA DOS RITUAIS ZAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Ciências das Religiões da
Universidade Federal da Paraíba como
requisito complementar para obtenção
do título de Bacharelado em Ciências
das Religiões, sob a orientação da
professora Dr^a. Dilaine Soares
Sampaio.

JOÃO PESSOA

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586t Silva, Silvia Regina Galdino da.

Transe e pertencimento: gênero, espiritualidade e a prática de cura dos rituais Zar / Silvia Regina Galdino da Silva. - João Pessoa, 2026.
19 f.

Orientação: Dilaine Soares Sampaio.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Ritual Zar. 2. Gênero. 3. Possessão espiritual.
4. Empoderamento feminino. 5. Cultos afro-brasileiros.
I. Sampaio, Dilaine Soares. II. Título.

UFPB/CE

CDU 259.4(043.2)

SÍLVIA REGINA GALDINO DA SILVA

**TRANSE E PERTENCIMENTO: GÊNERO, ESPIRITUALIDADE E A PRÁTICA DE
CURA DOS RITUAIS ZAR.**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo
Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção do grau de Bacharelado em Ciências das Religiões.

Resultado: Aprovado NOTA: 10 (dez).

João Pessoa, 20 de Março de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **DILAINE SOARES SAMPAIO**
Data: 30/03/2026 19:20:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Dilaine Soares Sampaio (orientador)
Universidade Federal da Paraíba

Documento assinado digitalmente
 **FABRICIO POSSEBON**
Data: 30/03/2026 19:44:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fabrício Possebon (examinador)
Universidade Federal da Paraíba

Documento assinado digitalmente
 **REGINA COELI ARAUJO NEGREIROS**
Data: 31/03/2026 11:50:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Regina Coeli Araújo Negreiros (examinador)
Instituto Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer as minhas amigas que não soltaram a minha mão e tiveram toda paciência do mundo durante o período dessa pesquisa, e principalmente a Deza que sem ela eu não teria encontrado metade dessa bibliografia.

E principalmente agradecer a Lena, a irmã que a vida me deu, que ficou do meu lado me ouvindo reclamar e me desesperar, ouvindo os áudios de 10 minutos que eu mandava no meio da madrugada dando palestra. E que vibrou cada conquista junto comigo, sem você eu não teria chegado até aqui. Te amo!

TRANSE E PERTENCIMENTO: GÊNERO, ESPIRITUALIDADE E A PRÁTICA DE CURA NOS RITUAIS ZAR.

RESUMO

Este artigo analisa o Ritual Zar, uma prática de possessão espiritual originária do Nordeste da África e do Oriente Médio, sob a perspectiva da preservação cultural e do empoderamento feminino através de análise bibliográfica. O estudo define o Zar como um sistema cosmológico complexo que atua como um espaço de expressão, cura e resistência para seus praticantes, majoritariamente mulheres em contextos sociais que limitam sua agência. A pesquisa destaca que a possessão no Zar funciona em certas regiões como um “discurso feminista velado”, permitindo que as mulheres negociem papéis de gênero e critiquem normas sociais através da voz dos espíritos, sem serem diretamente responsabilizadas. Além disso, o ritual é compreendido como uma forma de terapia de grupo e um conceito cultural de sofrimento que restaura o equilíbrio psicológico e o senso de pertencimento em comunidades marginalizadas. O trabalho estabelece ainda uma análise comparativa com cultos afro-brasileiros. Identificam-se similaridades fundamentais na função terapêutica, no uso central da música, dança e transe, e no papel da possessão como mecanismo de agência e resistência cultural para grupos periféricos. Conclui-se que o Ritual Zar é uma ferramenta potente de transformação social e afirmação de identidade, mantendo-se como uma prática viva que desafia estruturas de poder dominantes.

Palavras-chave: Ritual Zar; Gênero; Possessão Espiritual; Empoderamento Feminino; Cultos Afro-brasileiros.

ABSTRACT

This paper analyzes the Zar Ritual, a practice of spirit possession originating in Northeast Africa and the Middle East, from the perspective of cultural preservation and female empowerment through bibliographic analysis. The study defines Zar as a complex cosmological system that acts as a space for expression, healing, and resistance for its practitioners, the majority of whom are women in social contexts that limit their agency. The research highlights that possession in Zar functions in certain regions as a “veiled feminist discourse”, allowing women to negotiate gender roles and critique social norms through the voices of the spirits, without being directly held accountable. Furthermore, the ritual is understood as a form of group therapy and a cultural concept of suffering that restores psychological balance and a sense of belonging in marginalized communities. The work also establishes a comparative analysis with Afro-Brazilian cults. Fundamental similarities are identified in their therapeutic function, the central use of music, dance, and trance, and the role of possession as a mechanism for agency and cultural resistance for peripheral groups. It concludes that the Zar Ritual is a potent tool for social transformation and identity affirmation, remaining a living practice that challenges dominant power structures.

Key words: Ritual Zar; Gender; Spirit Possession; Female Empowerment; Afro-Brazilian Cults.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. O RITUAL ZAR: ORIGENS, CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES.....	9
2. PODER FEMININO E RESISTÊNCIA NO CONTEXTO DO ZAR.....	13
3. UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA COM CULTOS AFRO-BRASILEIROS	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	20

INTRODUÇÃO

O Ritual Zar, uma prática de possessão espiritual com raízes profundas em diversas culturas do Nordeste da África e do Oriente Médio, emerge como um fenômeno sociocultural complexo e multifacetado. Caracterizado pela interação entre pessoas e espíritos, este ritual transcende a mera manifestação religiosa, atuando como um espaço de expressão, cura e resistência para seus praticantes, predominantemente mulheres. A relevância do Zar na sociedade contemporânea reside não apenas na sua persistência como forma de preservação cultural, mas também no seu papel intrínseco na afirmação do poder feminino em contextos sociais que frequentemente limitam a agência das mulheres; sendo um processo que dá voz a mulher dentro de comunidades dominadas política e culturalmente pelo islã, onde o papel da mulher é secundarizado pelo conservadorismo.

Este artigo propõe-se a analisar o Ritual Zar sob a ótica de sua contribuição para a preservação cultural e o empoderamento feminino, explorando as dinâmicas de possessão espiritual como um mecanismo de agência e contestação. Adicionalmente, buscou-se traçar um fio de ligação entre o Zar e outros cultos de possessão espiritual, com especial atenção às suas manifestações no Brasil através da herança das pessoas africanas escravizadas que se faz presente nos cultos afro-brasileiros. Tal comparação visa aprofundar a compreensão sobre a universalidade e as particularidades desses fenômenos, bem como suas funções sociais e psicológicas em diferentes contextos culturais.

Para tanto, o presente estudo será estruturado em seções que abordarão a definição, origens e funções do Zar; o papel do poder feminino e da resistência dentro do ritual; e uma análise comparativa com cultos (à época dos materiais aqui trabalhados) chamados de “cultos possessão brasileiros”. A metodologia empregada consiste em análise bibliográfica aprofundada de produções acadêmicas e literárias, permitindo uma compreensão abrangente e contextualizada do tema, bem como uma visão atualizada dos debates aqui sugeridos. Espera-se, com esta investigação, contribuir para o debate acadêmico sobre religiosidade, gênero e cultura, destacando a riqueza e a complexidade do Ritual Zar como um patrimônio imaterial e uma poderosa ferramenta de transformação social.

1. O RITUAL *ZAR*: ORIGENS, CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES

O Ritual Zar, conforme delineado por Al-Adawi et al.(2001) e Hadidi(2022), é uma cosmologia espiritual e uma performance ritualística intrinsecamente ligada à experiência da possessão por espíritos. Este fenômeno, que se manifesta em diversas culturas do Nordeste da África e do Oriente Médio, não se restringe a uma mera crença em espíritos, mas se configura como um sistema complexo de interação entre o mundo humano e o espiritual.

O registro escrito mais antigo da palavra *zar* com o significado de “espírito possuidor” foi encontrado em um texto religioso na Abissínia durante o século XVI. Embora registros formais sejam posteriores, historiadores notam que a prática pode ter começado a se infiltrar no Egito através do comércio de escravizadas abissínicas a partir do século XVIII. A primeira observação registrada de rituais *zar* nos moldes em que são conhecidos hoje data do início do século XIX na Etiópia.

A migração de pessoas através do Mar Vermelho, da Arábia e do Iêmen para a Abissínia e vice-versa, tem ocorrido há séculos. A ausência de referências a rituais *zar* observados em relatos históricos, de viagem e linguísticos anteriores ao século XIX torna impossível localizar conclusivamente a origem do Zar numa única sociedade.¹⁶

Além disso, as ideias locais sobre a origem do *zar* na Etiópia apontam para uma origem árabe (Sunsdrom 1909, citações em Natvig 1987:678). Já no Egito, as canções *zar* referem-se a ambos os países, seguindo a lógica do *zar* como espíritos externos inspirados por grupos de estranhos familiares (minha ênfase). (El hadidi 2022)(em tradução livre)¹

Por volta da metade do século XIX, o sistema de crenças do *zar* já estava bem estabelecido no Sudão. No Egito, a emergência do ritual é associada à escravidão africana e às transformações sociais do século XIX. Há também uma menção de que o exército de Mohamed Ali Pasha, ao retornar da invasão do Sudão em 1821, pode ter levado o *Zar* de volta para o Egito junto com mulheres escravizadas. Perto do fim do século, o culto já era tão difundido no Sudão que era visto como uma ameaça ao Islã ortodoxo e denunciado por líderes religiosos.

¹ The movement of people across the Red Sea from Arabia and Yemen to Abyssinia and vice versa has been going on for centuries. The absence of reference to observed *zar* rituals in the historical, travel, and linguistic accounts before the nineteenth century makes it impossible to definitively locate the origin of *Zar* in only one society.¹⁶

Furthermore, local ideas about the origin of *zar* in Ethiopia point to an Arab origin (Sunsdrom 1909, quotes in Natvig 1987:678) Whereas in Egypt, *zar* songs refer to both countries follow the logic of *zar* as alien spirits inspired by groups of familiar outsiders (my emphasis).

As origens do culto são obscuras; tal como o seu nome, pensa-se geralmente que teve início fora do Sudão (cf. Al Hadi 1987:95-96). De acordo com Constantinides (1972: 35,1982), o zar estava bem estabelecido no Sudão em meados do século XIX e, na época da reconquista anglo-egípcia no final do século, tinha atraído tantos seguidores que era visto como uma ameaça ao islamismo ortodoxo e denunciado pelos líderes religiosos como uma “inovação”. A opinião atual dos estudiosos ecoa essa visão; no entanto, o culto é tolerado e programas sobre Zar aparecem ocasionalmente na televisão Omdurman (Lewis 1986: 102). Apesar de sua postura pública negativa, os clérigos religiosos no Sudão concordam com a base sobre a qual o zar se sustenta, pois os zayran são considerados pertencentes à classe de espíritos conhecidos como jinn, cuja existência é comprovada pelo Alcorão. (Boddy,1983. P. 132) (em tradução livre)²

1.1. Definição e Cosmologia do Zar

O termo Zar refere-se tanto ao espírito possuidor quanto ao conjunto de ritos de reconciliação que visam apaziguar esses espíritos. A cosmologia do Zar postula a existência de espíritos caprichosos que habitam um mundo paralelo e invisível. Quando esses espíritos se sentem negligenciados ou ofendidos, manifestam sua raiva causando doenças e aflições nos indivíduos, que então se tornam seus hospedeiros, sofrimento esse interpretado no ocidente como uma psicopatologia específica. A cura e o bem-estar do afligido dependem da reconciliação ritualística com o espírito, um processo que envolve cerimônias específicas.

Al-Adawi et al.(2001) identificam três funções inter-relacionadas da possessão por espíritos no contexto do Zar:

1. **Compatibilidade com a mitologia e cosmologia religiosa:** O Zar é visto como parte integrante de um sistema de crenças que envolve um mundo imaterial onde espíritos habitam, sendo muitas vezes relacionado, embora por vezes de forma conflituosa, com ensinamentos do Islã ou do Cristianismo Copta.
2. **Mecanismo de manipulação psicológica de indivíduos oprimidos:** A possessão pode servir como uma forma de comunicação para grupos marginalizados ou

² The origins of the cult are obscure; like its name, it is generally thought to have begun outside the Sudan (cf. Al Hadi 1987:95-96). According to Constantinides (1972: 35,1982), zar was well established in Sudan by the mid nineteenth century and, by the time of the Anglo-Egyptian recon quest at its end, had attracted such a wide following that it was seen as a threat to orthodox Islam and denounced by religious leaders as "innovation." Current learned opinion echoes this view; nonetheless, the cult is tolerated, and Zar programs occasionally appear on Television Omdurman (Lewis 1986: 102). Despite their negative public stance, religious clerics in Sudan subscribe to the foundation on which the zar rests, for zayran are considered to belong to the class of spirits known as jinn whose existence the Quran substantiates.

oprimidos, especialmente mulheres em sociedades patriarcais, que não conseguem expressar seu sofrimento ou reivindicações de outra maneira.

3. **Forma de terapia de grupo culturalmente definida:** O ritual é interpretado como uma psicopatologia específica da cultura (ou “idioma de sofrimento”) que funciona como uma técnica de cura mental, integrando o indivíduo novamente à comunidade e restaurando seu equilíbrio e autoestima.

Os autores utilizam este arcabouço teórico para analisar o fenômeno do Zar especificamente em Omã, onde observam que a prática afeta ambos os sexos e diversas camadas sociais, servindo como uma forma de “parentesco fictício” e suporte para pessoas em dificuldade psicossocial.

1.2. História e Disseminação

A disseminação do Zar é notável, com suas origens traçadas da Etiópia e sua expansão para regiões como o Mar Vermelho e o Golfo Árabe, impulsionada, em parte, pelo comércio de pessoas escravizadas no século XIX (El Hadidi, 2022). Essa trajetória histórica resultou em adaptações e incorporações de elementos culturais locais. No Egito, por exemplo, o Zar absorveu aspectos das práticas sufistas islâmicas populares, incluindo a devoção a santos cristãos e muçulmanos, demonstrando sua capacidade de hibridismo (Canciani, 2015) e resiliência cultural, enfrentando perseguição e acusações de heresias.

Associada às compreensões populares sufistas do Islã, a meditação e a intercessão (shafa'a) têm sido praticadas por uma grande parte da população muçulmana. Abrange uma variedade de rituais e compreensões religiosas, incluindo visitas aos santuários dos santos e à eminência sobrenatural dos ahl al-beit (a família e os descendentes do Profeta Maomé). Além da teologia, os muçulmanos fundamentalistas criticam a música e a dança e a mistura dos gêneros durante as celebrações rituais. A sua preocupação mais proeminente é a heresia do próprio ritual sacrificial zar. Os reformistas ortodoxos defendem que uma oferenda só pode ser feita a Deus, enquanto os participantes muçulmanos do zar veem a sua oferta sacrificial como um ato de reconciliação com os jinn em nome de Deus. (El Hadidi, 2022. P. 40-41) (em tradução livre)³

³ Associated with popular Sufi understandings of Islam, meditation and intercession (shafa'a) has been practiced by a large Muslim population. It encompasses a variety of religious rituals and understandings, including visits to the shrines of saints and the supernatural eminence of ahl al-beit (the Prophet Muhammad's family and descendants). In addition to theology, fundamentalist Muslims criticize music and dance and the mixing of the genders during ritual gatherings. Their most pressing concern is the heresy of the zar sacrificial rite itself. The

A música, a dança e o transe são componentes indissociáveis dos rituais Zar. El Hadidi destaca que a música não é apenas um acompanhamento, mas um elemento ativo que facilita a entrada em estado de transe. Os ritmos hipnóticos e as canções específicas para cada espírito criam uma atmosfera propícia para a manifestação da possessão. A dança, por sua vez, é a expressão corporal do espírito, permitindo que o possuído se mova de maneiras que podem ser interpretadas como a linguagem do ser espiritual. O transe, o estado especial de consciência alcançado durante o ritual, é o ponto culminante da interação, onde a comunicação direta com o espírito ocorre e o processo de cura é mediado (El Hadidi, 2022).

1.3. Zar como Conceito Cultural de Sofrimento

Mianji e Semnani aprofundam a compreensão do Zar ao discuti-lo não apenas como uma síndrome ligada à cultura (termo utilizado no DSM-IV⁴), mas como um *conceito cultural de sofrimento* (termo mais recente no DSM-V). Essa distinção é crucial, pois reconhece que o sofrimento psicológico, no contexto do Zar, é atribuído a forças externas, como os *jinn*, e é compreendido e tratado dentro de um sistema de crenças culturalmente específico. Para profissionais de saúde mental, essa perspectiva é vital para um diagnóstico e intervenção mais eficazes e culturalmente sensíveis, especialmente ao lidar com populações de imigrantes de regiões onde o Zar é praticado.

O conceito de tratar o Zar como uma patologia é um legado do que muitos pesquisadores chamam de “psiquiatria colonial”. Esse olhar colonial tendia a rotular comportamentos divergentes do padrão Branco-Europeu de sociedades não-ocidentais como desordens mentais, sem considerar os processos sociais e interpessoais subjacentes. A aceitabilidade social de indivíduos com doenças mentais em sociedades tradicionais, muitas vezes atribuindo seu sofrimento a agentes externos, ressalta a importância de abordagens que considerem o contexto cultural.

Recentemente, essa visão patológica tem sido desafiada. O DSM-5 removeu o Zar da lista de síndromes ligadas à cultura, passando a adotar o conceito de “Conceitos Culturais de

orthodox reformers contend that an offering can only be made to God, while the Muslim participants of zar view their sacrificial offering as an act of reconciliation with jinn in the name of God.

⁴ Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 4ª e 5ª Edição, publicado pela APA (Associação Psiquiátrica Americana) em 1994, é um sistema categorial que classifica transtornos mentais com base em critérios operacionais.

Angústia” (*Cultural Concepts of Distress*). Essa mudança reconhece que tais práticas são formas de comunicação e mecanismos de enfrentamento para grupos marginalizados, e não necessariamente distúrbios psicóticos.

Embora o *Zar* possa ser considerado um estado patológico aos olhos da psiquiatria, é importante lembrar que no DSM-IV (DSM; Associação Americana de Psiquiatria, 1994) o *Zar* não é localmente visto como “patológico”, mas sim como uma resposta culturalmente enraizada, determinada pela tradição e por referenciais filosóficos. A visão há muito defendida de que todas as “possessões” são expressões de transtorno mental tem sido recentemente desafiada pela historiografia psiquiátrica. (Al-Adawi, S.H. et al, 2001) (em tradução livre)⁵

2. PODER FEMININO E RESISTÊNCIA NO CONTEXTO DO ZAR

O Ritual Zar, em sua complexidade, transcende a dimensão puramente religiosa para se consolidar como um espaço de afirmação do poder feminino e de resistência cultural. Em sociedades no Norte e Leste da África e no Oriente Médio onde as mulheres frequentemente enfrentam limitações em sua agência e expressão, onde a religião predominante é o islã, o *Zar* oferece um palco singular para a renegociação de papéis e a manifestação de descontentamentos.

Em sua obra etnográfica sobre o culto Zar no Sudão, Janice Boddy destaca que as adeptas são majoritariamente mulheres que vivenciam problemas conjugais ou de fertilidade. Através da possessão, os espíritos que as habitam podem fazer exigências e tecer comentários sobre questões da aldeia, incluindo a crescente influência do Islã ou a dominação econômica ocidental. Essa dinâmica permite que as mulheres, de forma metaforicamente velada, reformulem o discurso cotidiano para expressar sua subordinação e, ao mesmo tempo, exercerem uma forma de agência que lhes seria negada em seu estado ordinário (Boddy, 1989). A possessão, nesse sentido, torna-se um canal para a comunicação de queixas e a busca por reconhecimento em um contexto social restritivo.

⁵ Although Zar may be considered as a pathological state in the eyes of psychiatry, it is important to recall that in DSM-IV (DSM; American Psychiatric Association, 1994) Zar is not locally viewed as a ‘pathological’ but, rather as a culturally rooted response determined by tradition and philosophical frameworks. The long-held view that all ‘possessions’ are expressions of mental disorder has been challenged recently by psychiatric historiography.

Avançando na análise é sugerido que a possessão espiritual no *Zar* funciona como um “discurso feminista”, embora de natureza velada e alegórica. Ao incorporarem os espíritos, as mulheres podem criticar normas sociais, desafiar a autoridade masculina e negociar melhores condições de vida, sem serem diretamente responsabilizadas por suas palavras ou ações. O espírito, e não a mulher, é quem fala e age, conferindo-lhe uma liberdade de expressão que de outra forma seria impossível. Essa “voz do espírito” permite que as mulheres articulem suas experiências de objetificação e subordinação, transformando o ritual em uma poderosa ferramenta de empoderamento indireto. (Boddy, 1989)

Complementando essa perspectiva ao descrever o papel central das mulheres nas comunidades Zar no Egito, Boddy e El Hadidi convergem na ideia de que as mulheres não são apenas “vítimas” passivas de espíritos, mas atores sociais e produtores de cultura. Enquanto Boddy revela como o Zar “desacorrenta o pensamento” das amarras hegemônicas, El Hadidi demonstra como esse pensamento se materializa em uma comunidade organizada, onde a mulher é a autoridade central e gestora da cura e da memória social.

As cerimônias de *Zar* iniciam devotas, em sua maioria mulheres muçulmanas, em uma comunidade coesa centrada em um líder de culto. Essa filiação oferece orientação moral, apoio social e um profundo senso de pertencimento. A prática dos rituais, a dança das canções do *Zar* e a experiência do transe contribuem significativamente para a restauração do bem-estar das mulheres, muitas vezes comprometido pela assimetria de gênero e pelos impactos da globalização. O culto, portanto, não é apenas um refúgio, mas um ambiente ativo de cura e fortalecimento coletivo.

2.1. Resistência Cultural e Reinterpretação da Experiência Colonial

Kramer expande a compreensão do Zar como um ato de resistência cultural ao analisar a representação de europeus coloniais na arte ritualística e na possessão espiritual africana. Ele argumenta que as imagens africanas de europeus na possessão espiritual são um contraponto às imagens europeias do ‘Outro’ como selvagem. Para os povos africanos, os europeus eram frequentemente associados ao reino da natureza, a um estado de inocência.

Um aspecto, nomeadamente o encontro com o “outro” em relação à própria cultura, apareceu, no entanto, em todas estas perspectivas; os hospedeiros do espírito sentiram sempre a necessidade de representar um “outro” e, com

isso, a sua própria alteridade, e reconhecê-lo no ritual. Uma vez que designamos este “outro” como uma cultura estrangeira, é óbvio comparar os cultos “acefálicos” com as nossas próprias etnografias, que também lidam com culturas estrangeiras. Uma comparação deste tipo não pode contribuir para explicar os fenômenos aqui discutidos, mas pode especificar a forma como as suas qualidades especiais são determinadas e abrir caminho para uma avaliação final do seu valor. (Kramer, 1993. p.240-241) (em tradução livre)⁶

Essa reinterpretação da experiência colonial, através da mimetização e da encarnação de ‘*passiones*’ (emoções e experiências) em espíritos, demonstra a capacidade do *Zar* de ressignificar narrativas dominantes e afirmar uma identidade cultural própria. Detalhes visíveis e obsessivos, como o ‘fez vermelho’, tornam-se adornos em cultos de possessão do início do período colonial, simbolizando essa reinterpretação.

Em resumo, Kramer vê no *Zar* e em cultos similares uma forma de “etnografia performativa” africana: um meio pelo qual as sociedades marginalizadas comentam, satirizam e, em última instância, resistem à estrutura de poder colonial através da incorporação e transformação de suas imagens.

3. UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA COM CULTOS AFRO-BRASILEIROS

A incorporação de divindades e entidades, como fenômeno transcultural, é um campo fértil para a análise antropológica, revelando tanto a universalidade de certas experiências humanas quanto as particularidades de suas manifestações culturais. O Ritual *Zar*, nesse contexto, oferece um ponto de partida para um diálogo comparativo com religiões que operam através da mediunidade e da incorporação de divindades e entidades, como as Umbandas, o Catimbó-Jurema e os Candomblés e outras modalidades afro-religiosas que compõem o pluriverso religioso afro-brasileiro (Sampaio; Lages; Campos, 2025), destacando similaridades e distinções em suas funções sociais e psicológicas.

3.1. A Universalidade das Incorporações

⁶ One aspect, namely the encounter with the “other” to one’s culture, appeared, however, in all of these perspectives; the spirit hosts always felt the need to represent an “other”, and with that their own otherness, and acknowledge it in ritual. Since we name this “other” a foreign culture, it is obvious to compare the “acephalous” cults with our own ethnographies, which also deal with foreign cultures. A comparison of this sort cannot make any contribution to explaining the phenomena discussed here, but it can specify the way their own special qualities are determined, and pave the way for a final assessment of their value. (Kramer, 1993. p.240-241)

Lewis(1977) argumenta que a crença em espíritos e a experiência chamada por ele de “possessão” são fenômenos amplamente difundidos, servindo a diferentes propósitos sociais e individuais. Al-Adawi et al. corroboram essa visão ao mencionar que ideias semelhantes sobre espíritos que podem temporariamente personificar seres humanos são encontradas em aproximadamente 90% da população mundial, citando exemplos como o vodu haitiano e o Candomblé e Umbanda no Brasil (Adawi et al., 2001). Essa perspectiva global estabelece uma base sólida para a comparação, permitindo identificar padrões recorrentes na forma como as sociedades lidam com o inexplicável e o transcendental.

3.2. Distinção entre Cultos de Incorporação Centrais e Periféricos

Uma das contribuições mais significativas de Lewis (1977) é a distinção entre cultos de possessão centrais e periféricos. Os cultos centrais são aqueles que reforçam a ordem social e os valores dominantes de uma comunidade, muitas vezes legitimando a autoridade e a estrutura de poder existente. Em contraste, os cultos periféricos são frequentemente associados a grupos marginalizados, como mulheres, minorias étnicas ou classes sociais subalternas. Nesses contextos, a possessão pode funcionar como uma forma de protesto velado ou de escape, permitindo que os oprimidos expressem suas queixas e exerçam alguma influência sobre seus opressores, sem desafiar abertamente a estrutura de poder.

O Ritual Zar, em muitas de suas manifestações, alinha-se com a categoria de culto periférico, especialmente em relação ao empoderamento feminino. Como discutido por Boddy (1989) e Hadidi (2022), o Zar oferece às mulheres um canal para expressar frustrações e negociar melhores condições de vida através da voz dos espíritos. Essa função social da possessão, como uma estratégia para os oprimidos, encontra eco em outros contextos, incluindo os cultos afro-brasileiros.

3.3. Similaridades com Religiões Afro-Brasileiras

No Brasil, cultos como o Candomblé, a Umbanda; modalidades afro-religiosas mais encontradas em todo território nacional, embora guarde a diversidade regional, e o Catimbó-Jurema; uma religião afro-indígena originária no nordeste oriental, ou seja, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, embora esteja presente em outros estados brasileiros e até mesmo fora do Brasil, mesmo com cosmologias e rituais distintos(Sampaio; Lages;

Campos, 2025), compartilham com o *Zar* a centralidade da incorporação de divindades e entidades espirituais. No Candomblé, Umbanda e Catimbó-Jurema, a incorporação dos orixás e entidades guias é um elemento fundamental, onde os praticantes se tornam ferramentas para as divindades, que se manifestam para aconselhar, curar e intervir na vida dos fiéis. Da mesma forma, na Umbanda, a incorporação de guias espirituais (caboclos, pretos-velhos, crianças, entre outros) é um pilar da prática religiosa, oferecendo orientação e auxílio aos necessitados.

As similaridades entre o *Zar* e esses cultos brasileiros podem ser observadas em diversos aspectos. O primeiro que podemos mencionar é a *função terapêutica e de cura*. Assim como o *Zar*, o Candomblé, a Umbanda e o Catimbó-Jurema atuam como espaços de cura para males físicos, emocionais e espirituais. A possessão é vista como um meio de restabelecer o equilíbrio e a saúde dos indivíduos. Um segundo aspecto é a *lógica de comunidade e apoio social*. Ambos os contextos oferecem um forte senso de comunidade e apoio social aos seus praticantes. Os rituais coletivos e a interação com divindades e entidades fortalecem os laços sociais e proporcionam um ambiente de acolhimento. Outra característica que aproxima o ritual *Zar* as religiões afro-brasileiras é a *agência e empoderamento*. Para muitos praticantes, especialmente mulheres e grupos marginalizados, o processo de incorporação nos cultos brasileiros também pode ser um mecanismo de agência e empoderamento. Através da voz dos orixás ou guias, os indivíduos podem expressar suas necessidades, reivindicar direitos e exercer influência em suas vidas e comunidades, de maneira análoga ao que ocorre no *Zar*. Por fim, temos a música e a dança. A musicalidade, com seus atabaques, cânticos e as danças rituais são elementos cruciais no Candomblé, na Umbanda e no Catimbó-Jurema, assim como no *Zar*. Esses elementos criam um ambiente propício para a conexão com o mundo espiritual e a experiência do êxtase.

3.4. Discussão sobre a Agência e o Empoderamento em Contextos de Incorporação no Brasil

A análise da agência e do empoderamento no Candomblé, na Umbanda e no Catimbó-Jurema, à luz das discussões sobre o *Zar*, revela que, embora as manifestações culturais e religiosas sejam distintas, as funções sociais e psicológicas podem convergir. A incorporação, nesses contextos, não é meramente uma experiência passiva, mas uma forma

ativa de negociação e transformação. Ela permite que os indivíduos, através da mediação dos espíritos, entidade e divindades contestem normas, expressam identidades e busquem soluções para seus problemas, reforçando a ideia de que a religiosidade popular pode ser um potente motor de resistência e afirmação cultural para grupos periféricos (Boddy, 1989 e Lewis, 1977). A capacidade de dar materialidade, divindades e entidades confere aos praticantes uma autoridade temporária que pode ser utilizada para fins terapêuticos, sociais e até políticos, ecoando o “discurso feminista velado” observado por Boddy no Zar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou explorar a complexidade do Ritual Zar, destacando seu papel multifacetado na preservação cultural, na afirmação do poder feminino e na sua ressonância com outros cultos de possessão espiritual. Através de uma análise bibliográfica aprofundada, foi possível traçar um panorama que revela a riqueza e a profundidade desse fenômeno sociocultural. Constatou-se que o Zar transcende a mera manifestação religiosa, atuando como um sistema cosmológico que oferece um arcabouço para a compreensão e o tratamento do sofrimento, conforme apontado por Al-Adawi et al. e Mianji e Semnani(2001). A música, a dança e o transe emergem como elementos centrais, facilitando a interação com o mundo espiritual e mediando processos de cura e bem-estar. Um dos pilares desta investigação foi a análise do papel do Zar como um espaço de agência e resistência feminina.

A obra de Janice Boddy demonstrou como a possessão, nesse contexto, funciona como um “discurso feminista velado e alegórico”, permitindo que mulheres em posições de subordinação expressem suas frustrações e negociem suas realidades. Hager El Hadidi complementa essa visão ao evidenciar o apoio social e o senso de pertencimento que as comunidades Zar oferecem às mulheres, contribuindo para a restauração de seu bem-estar. A perspectiva de Fritz Kramer sobre a resistência cultural e a reinterpretação da experiência colonial através da possessão reforça a ideia de que o Zar é uma ferramenta poderosa para a afirmação de identidades culturais e a contestação de narrativas dominantes. A distinção entre cultos centrais e periféricos permitiu compreender o Zar e, por extensão, as manifestações

afro-brasileiras, como espaços onde grupos marginalizados encontram voz e poder. As similaridades em termos de função terapêutica, apoio comunitário, agência e o uso de música, dança e transe sublinham a relevância transcultural desses rituais como mecanismos de empoderamento e transformação social.

Em suma, o Ritual Zar não é apenas uma relíquia do passado, mas uma prática viva que continua a desempenhar um papel vital na preservação cultural e na promoção do poder feminino. Sua capacidade de adaptação e hibridismo, aliada à sua função como válvula de escape e plataforma de agência para os oprimidos, o torna um objeto de estudo de inestimável valor para a antropologia, os estudos de gênero e a sociologia da religião. Sugere-se para futuras pesquisas trazer a etnografia digital, explorando as novas formas de manifestação e interação dessas práticas em ambientes virtuais, bem como estudos comparativos mais detalhados sobre as intersecções entre o Zar e as religiões afro-brasileiras, a fim de enriquecer ainda mais a compreensão sobre a dinâmica da possessão espiritual na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

AL-ADAWI, S. H. et al. Zar: Group distress and healing. **Mental Health, Religion & Culture**, v. 4, n. 1, p. 47–61, maio de 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240531666_Zar_Group_distress_and_healing. Acesso em: 15/12/2025.

ALI, A. Y. The curious case of the disappearing Zar cult. **International Journal of Emergency Mental Health and Human Resilience**, v. 25, n. 2, p. 11–15, 2022. Disponível em: <https://www.omicsonline.org/open-access/the-curious-case-of-the-disappearing-zar-cult-1522-4821-1000570-123185.html>. Acesso em: 15/12/2025.

BODDY, Janice. **Wombs and Alien Spirits: Women, Men, and the Zar Cult in Northern Sudan**. 1. ed. Madison, Wis.: University of Wisconsin Press, 1989.

HADIDI, Hager El. **Zār: Spirit Possession, Music, and Healing Rituals in Egypt**. 1. Ed. Cairo, EG: AUC press, 2022.

KRAMER, F. **The red fez: art and spirit possession in Africa**. London; New York: Verso, 1993.

LEWIS, I. M. **Êxtase religioso: um estudo antropológico da possessão espiritual e do xamanismo**. Trad. José Rubens Siqueira de Madureira. São Paulo: Perspectiva, 1977. 240 p. (Coleção Estudos, v. 87).

MAKRIS, G. P. **Changing masters: spirit possession and identity construction among the descendants of slaves in the sudan (islam and society in africa)**. Ed. 1, Northwestern University Press, 2000.

MIANJI F, SEMMANI Y. Zār spirit possession in iran and african Countries: Group Distress, Culture-Bound Syndrome or Cultural Concept of Distress?. **Iran Journal of Psychiatry**. 2016;10(4):225-232. Disponível em: <https://ijps.tums.ac.ir/index.php/ijps/article/view/574>. Acesso em: 04/02/2026.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Ed. 4a. São Paulo: Edusp, 2013.

SAMPAIO, D. S.; LAGES, S. R. C.; CAMPOS, Z. D. P. **Religiões afro-brasileiras**. Ed. 1a. Editora Vozes, 2025.